

A ROUPA DE MARTINIANO MEDINA: MODA E MASCULINIDADE EM SÃO PAULO (1905-1919)

MARTINIANO MEDINA'S CLOTHES: FASHION AND MASCULINITY IN SÃO PAULO (1905-1919)

Carolina Maia Blois¹

(Universidade Santo Amaro/UNISA)

Paulo Fernando de Souza Campos

(Universidade Santo Amaro/UNISA)²

Resumo: O artigo analisa transformações identitárias masculinas paulistanas no início do século XX a partir da experiência de Martiniano Medina, registrada em uma documentação epistolar caracterizada por 25 correspondências e uma *carte-de-visite*. A roupa usada para a fotografia permite compreender mudanças sociais e culturais da cidade de São Paulo. Pautada teórica e metodologicamente na micro-história a pesquisa analisa a moda a partir de uma experiência individual, compreendendo a vestimenta não somente como mecanismo de padronização de identidade de gênero, mas como dimensão da linguagem que comunica e evidencia, no caso, uma nova masculinidade.

Palavras-chave: Moda; Masculinidades; Microanálise

Abstract: The paper analyzes the male identity transformations in São Paulo at the beginning of the 20th century based on the experience of Martiniano Medina recorded in an epistolary documentation characterized by 25 correspondences and one *carte-de-visite*. The clothes used for the picture allow us to understand the social and cultural transformations present in the city of São Paulo. Theoretically and methodologically guided by micro-history the research analyzes fashion from an individual experience, understanding clothes not only as a mechanism for standardizing gender identity, but as a dimension of language that communicates and highlights, in this case, a new masculinity.

Keywords: Fashion; Masculinities; Microanalyses.

¹ Graduada em História pela Universidade Santo Amaro - UNISA. Mestranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas – UNISA (Bolsista Integral UNISA). Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento – CISGES/UNISA/CNPq. carolinamaiblois@gmail.com

² Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, Assis. Professor Associado ao Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas - UNISA. Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento - CISGES/UNISA/CNPq. pfcampos@prof.unisa.br

Introdução

Pensar a moda como linguagem que comunica a relação entre o indivíduo e a sociedade (CALANCA, 2008) e a roupa como registro histórico permite avaliar processos que extrapolam suas materialidades na medida em que ambas desvelam subjetivações que permitem acessar o cotidiano. O presente artigo evidencia a construção de um tipo específico de masculinidade em um contexto histórico singular da cidade de São Paulo, vale dizer, a década de 1900-1910. O que se analisa são particularidades do traje masculino, efeitos de sentido da roupa usada por um homem em meio às transformações vividas em São Paulo no início do século XX. Em específico, investigamos impactos da moda na composição das masculinidades por intermédio de uma documentação privada, de cunho pessoal, nomeada por Angela de Castro Gomes (2004) como “escrita de si”, isto é, as correspondências de Martiniano Medina.

As três primeiras cartas escritas por Martiniano Medina para Esther de Figueiredo indicam, por meio de elementos tipográficos, o local de trabalho do escrevente, qual seja, a Estação Zootechnica Regional ‘Dr. Padua Salles’ de São Carlos, interior de São Paulo. Martiniano foi estudante da atual Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo - ESALQ-USP, se formou engenheiro agrônomo e nomeado Diretor do Instituto Agrônomo de São Carlos. Participou ativamente da inauguração do Hipódromo Derby-Club Sancarlense como um de seus três fundadores. Estes sinais, presentes nas cartas, evocam um padrão estético da moda masculina que sinaliza para os impactos das mudanças processadas, de uma nova elite científica, letrada, qualificada.

Como indícios históricos e sociais as roupas e os registros epistolares são capazes de desvelar a composição deste novo homem paulistano, republicano, cosmopolita, profissional. A moda atingia a sociedade paulistana de forma singular se considerado o contexto histórico, de radicais alterações dos modos de vida e de trabalho, das normas familiares, das ordens médicas, das regras sociais, cujos significados múltiplos delineavam interesses da nova elite, intelectualizada, tecnocrata, forjada no bojo do republicanismo e da propalada modernidade,

inclusive, como construção da paulistanidade³ ou “Atestado de boa educação e respeito [...] a seriedade da alma e a retidão do caráter” como observa Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2011).

O artigo evoca processos que caracterizam a masculinidade como vestígio da construção renovada dos atributos desse novo homem moderno, cidadão. O intuito visa traduzir o masculino pela via da redução da escala de análise histórica, por intermédio da moda, da roupa usada por esse homem em sua *carte-de-visite* (GINZBURG, 1989). Ao remontar a trajetória do escrevente, ao analisar suas roupas, ao tratar a documentação epistolar, o artigo intenciona capturar a expressão da masculinidade paulistana a partir da vestimenta que o retratado usou ao posar para o clique fotográfico.

As referências compulsadas indicam que a moda masculina foi significativamente alterada no contexto histórico delimitado. O sentido classificatório estabelecido pela organização social da cidade de São Paulo exigia novas formas de se expressar e o “espírito das roupas” (LAVER, 1989) permite reconhecer as hierarquizações, as mudanças, os modos renovados de uma masculinidade desejada. Como sempre, a moda cumpre essa função classificatória, pois distingue pessoas, lugares, situações da vida social. No contexto analisado, frente à emergência de um novo mundo projetado nas “cores da modernidade” como caracteriza Barbara Weinstein (2015), suas cartas narram a emergência da paulistanidade, da paulicéia, que exigia este novo homem.

Na *carte-de-visite* de Martiniano os usos da gravata, a gola de sua camisa branca em conjunto com o colete também branco e o terno, assim como cabelo bem cortado e arrumado, possibilita verificar as posturas sociais que o inserem na sociedade desvelando um homem sofisticado, que busca construir uma representação de si como um homem elegante, de negócios. Apesar de não possuir ornamentos ou elementos de fundo, o que indica o não pertencimento a uma elite tradicional, a fotografia permite pressupor um jovem empreendedor, zeloso em relação as regras de etiqueta social.

³ O conceito se aplica a uma ideologia que relaciona progresso, modernidade, virilidade, branquitude, sucesso econômico e industrial à região paulista e paulistana. De acordo com Barbara Weinstein (2015) São Paulo, no contexto, se projeta como superior às demais regiões do Brasil.

Os modos nos quais homens como o escrevente se vestiam sustentam as análises das transformações processadas em São Paulo no início do século XX, como tratado na historiografia recorrente. As evidências traduzem processos pelos quais a cidade - autodenominada superior, moderna, considerada racial e regionalmente diferente das demais regiões do Brasil - altera as representações das masculinidades. As roupas usadas por Martiniano Medina em sua *carte-de-visite* revelam a adaptação deste novo homem, vale dizer, homem da ciência, frente às mudanças processadas, afinal, como observam os estudiosos, a moda é reflexo de uma época (LAVIER, 1989).

Assim, na redução da escala de análise, a roupa que Martiniano Medina usou em sua *carte-de-visite* se desdobra como uma possibilidade a mais de acesso à fabricação do masculino em São Paulo. Não por acaso, Naninho, como era chamado, a encaminha para sua pretendente em um momento marcante de sua história pessoal, pois inaugura uma rede de significados que traduz interesses e deslinda esse novo homem, seus sentimentos (SOUZA CAMPOS; MARAMALDO, 2016). Tal perspectiva de escrita da história contribui decisivamente com os estudos interdisciplinares, pois se fundam na recusa de epistemologias encerradas em si mesmas (DIAS, 2019). A moda como documento se projeta como possibilidade de interpretação das atribuições de sentidos, das formas de subjetividade, que no presente artigo são estabelecidas como construtores do masculino e das masculinidades, ou seja, como elemento principal de afirmação do indivíduo com seu gênero, considerando que a moda possibilita alegar seu papel dentro de um grupo social.

Deste modo, a proposta visa destacar como o traje usado por Martiniano Medina em sua *carte-de-visite* evoca o gênero masculino, como a moda captura a mensagem que este homem busca comunicar, qual lugar a roupa ocupa na historicidade e como reflete as masculinidades experimentadas na cidade de São Paulo no contexto histórico delimitado, na medida em que a moda possibilita a construção de identidades.

***Carte-de-visite* como indício e micro-história como fundamento**

No fim do século XIX, o Brasil passava por uma transição do sistema político, econômico e social que consolida a instauração da República em 1889. Vicissitudes desse processo reconfiguram a cidade de São Paulo e marcam a *belle époque*

brasileira na medida em que influências da vida citadina industriosa atravessam a cidade em sucessivas transformações (SEVECENKO, 1999). A alma paulistana, a mudança de ambientes urbanos, o aumento da densidade demográfica na cidade, que explode com a imigração e industrialização, impactam no cotidiano de homens e mulheres, inclusive, na dimensão da vestimenta. No caso, simbolicamente na própria identificação dos homens que as usavam, isto é, como sinal de um novo comportamento masculino, pois os homens abandonam o uso do couro e de pesadas botas com esporas em favor de sapatos leves, mais favoráveis, apropriados para a direção de automóveis, locomoção em bondes, trens, aviões, não mais a cavalos como explica Denise Bernuzzi de Sant'Anna (2013).

Se desvelada, a moda possibilita avaliar mudanças significativas que desembocam na paulistanidade. As novas gerações, formadas por uma elite intelectual tornaram-se extremamente sensíveis à abertura do mundo, sobretudo, o europeu (SALIBA, 2012, p. 240). Paris e Londres eram modelos de comportamento e urbanidade copiados pelas pessoas que viviam na cidade que mais crescia no Brasil. Os elementos estéticos e materiais observados na representação formal da fotografia existente na *carte-de-visite* de Martiniano Medina possibilitam caracterizar essas vinculações e permitem acessar um momento transformador da vida social paulistana em um grau elevado de mudanças, tanto na esfera pública, quanto privada.

Em sua tradução para o português o cartão-de-visita sinaliza essas mudanças processadas na vida citadina. O registro, que poderia representar a família ou a imagem individual de seu portador, descoberto e patenteado pelo fotógrafo francês André Adolphe Eugène Disderi (1819-1889), em 1854, constituía-se de um cartão de pequeno tamanho com uma foto geralmente revelada pela técnica de impressão em albumina, colada em um cartão de papel rígido um pouco maior, uma regalia das elites. Todavia, avanços e disseminação de técnicas fotográficas entre imigrantes, aos poucos tornaram os usos desta etiqueta social acessíveis a outros grupos menos favorecidos ou em ascensão, algo que não era difícil na cidade, considerando-se o volume de negócios, a circulação de bens e pessoas no transcorrer das décadas iniciais do século XX em São Paulo.

Ainda que houvesse uma produção técnica e visual da imagem projetada na *carte-de-visite* de Martiniano Medina ou que sua roupa tenha sido montada, escolhida ou sua imagem fabricada, tais fatores acrescentam ao “paradigma indiciário” (GINZBURG, 1989), pois ampliam o encontro das pistas, desvelam vestígios como aportes documentais tratados no campo das possibilidades de interpretação de fenômenos que organizam a vida social mais ampla. A micro-história, erroneamente entendida como um rótulo que nega “noções gerais” da história por interessar-se pelas minúcias da vida, por coisas incertas suscitadas no cotidiano, que parecem diminuir e descaracterizar parâmetros teóricos utilizados para interpretar o passado:

[...] tem sido, freqüentemente, interpretada como um procedimento que implica o destaque do fragmento por ele mesmo. Trata-se de uma leitura bastante equivocada do projeto micro-histórico. Uma pesquisa focada em determinada cidade ou em determinado indivíduo seria totalmente gratuita, caso não se justificasse em termos, explícita ou implicitamente, comparativos. O singular e o geral implicam-se necessariamente. Ao meu ver, a micro-história não deveria levar à rejeição das generalizações históricas; deveria, sim, levar a repensá-las. (GINZBURG, 2002, p. 4-8)

Operando em uma escala reduzida e evitando o abrigo seguro das generalizações históricas a micro-história identifica no microcosmo impactos de processos globais, não o fragmento por ele mesmo. Interessada em interpretar discursos e representações em uma escala microscópica, isto é, reduzida a pequenos eventos aparentemente sem importância, a perspectiva de escrita da história se consolida à parte dos grandes núcleos “revolucionários da historiografia” do início do século XIX, diferenciando-se da antropologia interpretativa na medida em que o campo cognitivo proposto não avalia um significado homogêneo nos sinais e símbolos públicos, mas busca defini-los e medi-los com referência à multiplicidade das representações que produzem.

A microanálise busca nos detalhes e sinais aparentemente banais indícios que permitem reconstruir fenômenos profundos e quando revelados apresentam notável alcance. Mesmo se a realidade se apresentar opaca, ainda assim é possível detectar zonas privilegiadas, oferecidas por índicos e sinais sempre sutis e minuciosos que permitem decifrá-la. “Essa idéia, que constitui o ponto essencial do paradigma

indiciário ou semiótico, penetrou nos mais variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas...”, porém, acrescenta “...ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição” (GINZBURG, 1989, p. 154).

Remodelações urbanas tiveram fundamental importância na modernização do estilo de vida, da forma do homem se vestir em São Paulo. A importância dos trajes sempre esteve presente na construção e organização das sociedades, no caso, evidencia o progresso material, a distinção social, os valores associados às redes de sociabilidades que restringiam as pessoas e desvelavam sentimentos ligados às transformações da cidade. Em São Paulo “[...] temas invariáveis do industrialismo, abóbadas, túneis, reservatórios de gás, chaminés de fábricas, imprimem-se no subconsciente e o homem também se torna cilíndrico” afirma Gilda de Melo e Souza (1987, p.34). A cidade considerada cosmopolita, superior em relação às outras cidades do país, construída por uma “raça de gigantes” imprime novos lugares ao masculino.

A microanálise possibilita avaliar como esse homem, evocado na redução da escala de observação, deslinda a construção dessa nova masculinidade. Por considerar as evidências como significativas para desvelar uma sociedade, como um dos pilares do paradigma indiciário, que implica a descrição densa explorada em uma documentação vasta (GUINZBURG, 1989; VAINFAS, 2002), considera-se que a *carte-de-visite* de Martiniano Medina se desdobra ao compor parte de um conjunto documental epistolar formalizado por 25 registros, entre os quais cartas, cartões, recados, bilhetes que formalizam um lote de correspondências escritas entre 1905 e 1919 para Esther de Figueiredo.

A fotografia, existente no antigo formato de apresentação social, torna-se o receptáculo da memória das roupas e revela a moda masculina como produtora de discursos sociais, os quais, por sua vez, compartilham as subjetividades. A imagem de Martiniano Medina, tratada da dimensão da vestimenta, do traje usado para o momento da perpetuação da imagem, do homem que se pretendia expor, sustentam as análises, pois as roupas “[...] para além de sua dimensão plástica, nos põem em con-

tato com os sistemas de significação, com seus imaginários” (BORGES, 2011, p.79).

A retomada do indivíduo na escrita da história, das trajetórias pessoais como reflexos de experiências mais amplas (GUINZBURG, 1989), reforçam o entendimento de que o saber é construído por dinâmicas e tensões permanentemente intercambiáveis, dadas a partir de processos que se inscrevem na vida social, cultural, identitária, ideológica, de gênero que fabricam o Outro - ao mesmo tempo em que são fabricadas. Diferente de modelos caracterizados por uma história eminentemente política, que ignora sinais de historicidade particulares, evocados no cotidiano, a narrativa proposta remonta a vida de uma pessoa comum submersa em um contexto singular da história de São Paulo. A abordagem micro analítica, em sua forma de redizer, de reconstruir, possibilita acessar o sentimento produzido nas diferentes temporalidades, no caso, redimensionar a construções das masculinidades.

Moda e masculinidade na cidade de São Paulo (1905-1919)

A materialização dos novos espaços urbanos da cidade de São Paulo transformou não só as estruturas físicas da urbe, redesenhando sua geografia, mas forjou uma identidade que comunicava a idealização de um novo homem, condizente com a cidade intelectualizada, elitizada, “[...] com valores do grupo dominante e desprezo pelos espaços das minorias” (MARTINS, 1994, 178). As mudanças na moda se revelavam na incorporação cultural da vida citadina, das demandas sociais que o cosmopolitismo projetado para a cidade, exigiam a reforma da toalete masculina. A vestimenta revela e instaura um novo cotidiano, novos modos de se apresentar socialmente, reorganiza a vida dos homens, pois significa a impressão condizente das relações de formalidade ligada às inovações, aos espaços de sociabilidade nos quais se travavam negócios que alteravam o cotidiano da cidade. O desenvolvimento cultural balizado pelo estudo da moda masculina, da memória das roupas, amplia a análise em torno dos critérios constitutivos da paulistanidade.

Lugar de intensa movimentação, São Paulo influenciava a recomposição de códigos de conduta e etiqueta social. Mesmo que as mulheres rompessem com “a era dos modelos rígidos” (PINSK, 2012) adotando um guarda-roupa compatível com a sociedade do trabalho, eram os homens que projetavam as imagens da vida

citadina, da cidade metrópole, de seus movimentos e dos negócios altamente lucrativos na medida em que “[...] a sociedade não só impõe, a partir de um determinado momento, uma forma feminina e outra masculina, como também se insinua na escolha da mesma” (SOUZA, 1987, p. 45-6).

O lugar do homem na centralidade do núcleo familiar, na convenção social e profissional remodelada pela fábrica e cidade altera a roupa masculina, nesse contexto, pensada para a mobilidade, produzida com tecidos mais leves e feitas a partir de materiais apropriados para a vida na cidade. A roupa demonstrava importância, conquistas no mundo do trabalho, revelava interesses pela vida pública, traduzia práticas sociais condizentes com o novo padrão almejado para os cidadãos como frequentar cafés, teatros e cabarés. A vida agitada, os encontros de negócios, o estudo e aplicação de novos projetos que envolviam a malha urbana, saúde, educação, habitação, trabalho, lazer, levaram à importantes avanços científicos e tecnológicos como eletricidade, transporte, indústrias químicas, controle de doenças e constantes remodelações do espaço urbano, alterando o mundo visual. A invenção e uso da fotografia, do cinema e a divulgação em massa das imagens produzem mudanças profundas e irreversíveis na vida das pessoas (AZEVEDO, 2010, p. 2).

A determinação da vestimenta masculina na virada de século XIX para o XX representava uma nova maneira de se relacionar e de se posicionar socialmente. As novas necessidades exigidas impactavam na moda masculina, que refletia as importâncias atribuídas aos homens ou melhor, a um tipo específico de homem, cuja masculinidade reverberasse as transformações em curso, vale dizer, polido, educado, profissional, moderno, que viajava, assumia postos de direção nas mais diferentes organizações públicas, privadas, filantrópicas, nacionais e internacionais como funcionários, concursados, parte do aparelho do Estado. A roupa se articula nesse lugar de maneira a construir - ou desconstruir - padrões e práticas cotidianas renovadas, que impunha uma nova masculinidade. A moda reconstrói o homem paulistano ao redimensionar vida e trabalho, comportamento social, sociabilidades na cidade. As masculinidades se expressam na moda em relação ao corte das roupas, modelagem, padronagem e origem dos tecidos, sobreposição de peças com o uso do paletó, coletes e gravatas compridas, consideradas um ícone de elegância e sofisticação.

O uso predominante de sobrecasacas, paletós, chapéus fedora, feitos de feltro macio ou veludo com abas largas, frente em bico, capa em formato C e em geral uma fita ao redor da base da copa ou os *boaters*, chapéu com topo achatado e aba, em geral de palha, as vezes com uma fita ao redor da base, usado na navegação, compunham o guarda-roupa dos homens e se tornaram bastante conhecidos no fim do século XIX e início do XX (NEWMAN, SHARIFF, 2011), assim como o chapéu panamá. O uso das pastas nos cabelos para deixá-los alinhados, lisos e brilhantes foi aos poucos estabelecendo uma tendência, que não excluía o uso de chapéus, mas o eximia de antigas convenções.

As bengalas, apesar de sua funcionalidade, se tornam um acessório de moda indispensável desde o fim do século XIX entre os cavalheiros e os *dândis*, termo empregado pela primeira vez no século XVIII para descrever indivíduos que “prestam atenção excessiva às roupas elegantes e ao comportamento aristocrático” (NEWMAN, SHARIFF, 2011, p. 65). Seu uso afinou a silhueta masculina em pontos específicos, acentuando uma transformação na concepção ideal do homem, que se depreende da imagem identificada como grotesca, rural, voltada para o trabalho manual, agrícola, que “[...] não possui emoções [...] somente certezas, com opiniões firmes e incontestáveis, corajoso, heróico, desleixado, com sua vaidade e com seu comportamento sem polidez, agressivo, competindo com os outros homens” (MARAMALDO, 2014, p. 21).

Diferentemente do modelo de masculinidade considerada normal no período – que obtém o poder através de sua força e representa o homem pela imagem do tipo valente – o homem moderno busca reforçar a ideia de poder através de seu predomínio na vida social, atendendo necessidades da vida liberal. Assim, “[...] a empresa, o mercado, a vida pública foram apresentados como novas arenas em que a agressividade masculina viria se expressar (ALBUQUERQUE, 2011, p. 44). No caso paulistano, tratava-se da produção de um imaginário que exaltava os homens de ciência, cultos, intelectualizados, cujas disputas eram travadas no mundo dos negócios, dos grandes empreendimentos, da vida em comum com um número significativo de estrangeiros.

Os comportamentos que emergem das novas representações do homem paulistano exigem o contato com movimentos culturais europeus. O processo de

urbanização e imigração expressa a recusa pelas estafantes botas de couro, o desgaste das vestes pesadas, usadas para o trabalho no campo, nas colônias agrícolas ou das características típicas do “[...] ideal de homem viril e violento das classes trabalhadoras” (MARAMALDO, 2014, p. 25). O novo homem se importa com o conforto e elegância dos tecidos leves, da roupa bem modelada, da alfaiataria de acabamento fino e com tecidos importados. Como expressão a moda reverberava o valor intrínseco da vida urbana sem a necessidade de se destacar através da extravagância aparente das roupas que marcaram os séculos anteriores. O uso de ombreiras, colarinhos, golas altas, gravatas, sapatos, deslocam a desenvoltura corporal do homem moderno, reveladores da vida profissional, intelectual, do lugar ocupado pelos que emergiram na terra da promessa, das famílias ricas, enriquecidas, que ressignificam a masculinidade.

As representações expostas na *carte-de-visite* de Martiniano Medina evidenciam expectativas que revelam não somente o homem retratado, mas mudanças sociais em curso. Os textos que acompanham a imagem ampliam os sinais, pois trata-se de um homem que expressa seus sentimentos e afetos, revela suas intenções, exalta refinamentos característicos de uma elite letrada e projetada como ideal. Seu refinamento o revela elegante, refinado, atencioso e intelectual.

As fontes epistolares remontam uma coleção particular que relata acontecimentos processados no início do século XX em São Paulo. Os sinais que evidenciam permitem acessar mudanças ocorridas no período na medida em que as cartas revelam a relação entre uma família de empreendedores, de pessoas que trocam de endereço na cidade, próximas dos negócios feitos com a Inglaterra, que acessam as novas tecnologias da vida moderna como telégrafo, telefone, máquina de escrever, que viajam, isto é, se não fossem ricos, certamente se tornaram com os empreendimentos e negócios que atravessavam a cidade. Na troca de correspondências são relatados momentos da vida familiar, das relações sociais, do cotidiano tanto do escrevente, quanto da destinatária, indícios históricos e sociais que possibilitam acessar a “hermenêutica do cotidiano” (DIAS, 2019).

Imagem 1
Frente da *Carte-de-visite* de Martiniano Medina
(1908)



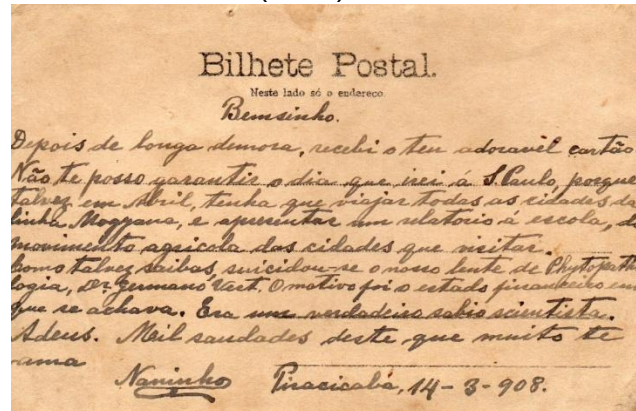
Fonte: Arquivo CISGES/UNISA.

O primeiro registro escrito em 14 de agosto de 1908 marca a troca de correspondências entre o casal. O documento, um bilhete-postal e a *carte-de-visite*, além de demonstrar a relação conjugal e familiar entre os escreventes, permite observar tratar-se de um homem culto, que se exprime a partir de uma linguagem amável, sensibilidade que altera o lugar ocupado pelos homens ou forjados para o universo masculino na sociedade da época. Martiniano retrata esse novo homem elegante, que se projeta como tal no sentido de cumprir com demandas da vida moderna como ao escrever "Triste daquele que ama apaixonadamente e longe de seu bem amado. Pira-14-3-08/ Naninho/ A Esperança é a flor mais bela do jardim da ausência/ Conheces?...".

Como destaca Mary Del Priore (2012), os escritos amorosos trocados entre o casal auxiliam a análise do conteúdo das mensagens ao conectar a troca de correspondência com a moda, isto é, com padrões morais que ditavam regras do namoro e noivado, da vida citadina, da atualização dos sentimentos e das sociabilidades que reinventavam as emoções e os lugares. Os novos estilos modificam trajetórias pessoais, deste modo, pensar masculinidades e feminilidades no contexto estudado implica considerar influências recíprocas da moda nos comportamentos de ambos, pois as roupas desvelam contestações que alteraram os limites estabelecidos avançando fronteiras do comportamento aceitável para ambos os casos. Temas como namoro de longe, corpus nus expostos na mídia, discussões

sobre sexualidade, por exemplo, evocam o que a autora considera como “movimento de emancipação de corpos e espíritos” (PRIORI, 2012, p. 6).

Imagem 2
Verso da *Carte-de-visite* de Martiniano Medina
(1908)



Fonte: Arquivo CISGES/UNISA.

As cartas assinadas por Martiniano Medina são escritas em resposta às que recebia de Esther de Figueiredo, sua noiva à época. Os registros indicam como endereços ou destinatários em um primeiro momento a Rua São Caetano, número 119 e Rua Monsenhor Andrade, número 123 em um segundo momento, ambos no bairro do Braz, centro da cidade de São Paulo. As nove primeiras cartas datadas do ano de 1910 indicavam o local de trabalho de Martiniano, qual seja, a antiga Estação Zootechnica Reional 'Dr. Padua Salles' de São Carlos. Os registros epistolares permitem identificar no escrevente sua devoção ao trabalho e as formalidades em relação ao cargo que ocupava como um distintivo de sua masculinidade:

S. Carlos, 14 de Junho de 1910 / Saudosa Esther / Em resposta a tua cartinha de 8 do corrente escrevo-te esta, desejando completo restabelecimento e inumeras felicidades. / Eu, apesar de muito atarefado no serviço, vou passando regularmente bem, sentindo porém, muitas saudades da... Paulicéa. / Embarco hoje para "Corumbatahy" em viagem de Inspeção, devendo regressar amanhã pelo segundo trem. / Festejaste muito o Santo Antonio? / Aqui os festejos têm sido frios. Salvo em casa dos que festejam o dia onomastico. / Peço recomendar-me a tua família / Saudades. / Naninho

A chamada República Velha (1889-1930) ampliou os acessos aos espaços sociais e fez emergir mudanças significativas com o projeto de modernização, o qual

rejeitava tudo o que se relacionava ao regime político anterior. De acordo com Albuquerque (2013), no âmbito das masculinidades, existia um sentimento de medo com relação a difusão dessas novas sensibilidades na sociedade, as quais revelam mudanças ocorridas no fim do século XIX, seguindo até a Primeira Guerra Mundial, em 1914, caracterizado pela industrialização, pelo processo de urbanização e pela inclusão de novos grupos sociais anteriormente excluídos, que emergem financeira e socialmente como responsáveis pela desvalorização do antigo sistema político e econômico, dando lugar a uma “desvirilização da sociedade” (2013, p. 29).

Considerando o contexto histórico delimitado, a ascensão das classes burguesas e o rápido desenvolvimento econômico provocado pelas inovações tecnológicas evidenciam São Paulo como um dos estados mais ricos do país e liderado com o apoio da elite agrária produtora e exportadora de café. As heranças de classe passam por um processo de assimilação mediante as novas experiências do modelo republicano, que se articula com a noção de moderno e de paulistanidade. Naninho é uma prova desta masculinidade alterada na medida em que demonstra seus sentimentos como os expressos na missiva escrita em maio de 1910:

São Carlos, 19 de Maio de 1910/ Esther/ Após curta permanência em “Nova Odessa” aqui hontem cheguei, tomando logo em seguida posse da direcção do Posto./ Ao voltar à tarde para hotel Accacio, onde estou hospedado, com o fim de jantar, e pegando no “Estado de São Paulo” qual não foi minha surpresa ao lêr a triste notícia do fallecimento de [Iguazinha?]./ Este terrível acontecimento foi immediatamente confirmado por uma carta que recebi de papae, e foi com os olhos a gotejarem lagrimas de dôr que li. / Profundamente pezaroso, recordo-me com saudade de minha querida irmãsinha, que há poucos dias deixei-a tão alegrinha apesar de já estar atacada da rebelde molestia que a levou para junto de Deus./ Senti immensamente não me terem communicado por telegrama, pois assim teria ido ahi dar-lhe o ultimo beijo e despedir-me para sempre do entesinho querido./ O que mais me acabrunha é o lembrar-me de mamãe, que esta hora coitada, estará banhada em prantos, pois só quem é mãe, é que pode avaliar o quanto doe um funesto acontecimento destes. Enfim, devemos nos resignar com a vontade de Deus./ Bastante entristecido continuo sem novidade desejo saúde aos teus./ Do sempre teu/ Naninho

As apropriações dos aspectos da vida cotidiana revelam a experiência vivida. O homem moderno é aquele que está em constante trânsito, com poder de decisão, direção, que frequenta hotéis, pois um homem de negócios, cujas práticas atingem

os modos de vestir. Em um contexto de mudanças e movimentos constantes a busca por uma posição favorável na sociedade do trabalho demonstra a transformação na maneira de se portar e se representar, pois busca responder à modernização ou como afirma Gilda de Mello e Souza a roupa “[...] reconcilia o conflito entre o impulso individualizador de cada um de nós [...] exprime idéias e sentimentos.” (1987, p.29).

A análise das fontes epistolares permite trazer à tona dimensões que consubstanciam a historiografia e verificar que com a urbanização e as inovações tecnológicas, novos modelos de masculinidade passaram a operar, alterando o protagonismo do modelo de virilidade rural dando lugar assim, a novas silhuetas masculinas. Uma delas, o modelo burguês, onde o homem reafirma seu status e sua identidade por meio de suas conquistas profissionais ligadas ao desenvolvimento científico, comercial e financeiro (SANT’ANNA, 2013). A roupa se torna prática e sóbria para além de proporcionar conforto e a disponibilidade de movimentação necessárias para a vida urbana, demonstra o valor intelectual do homem moderno, distante dos acessórios que compunham uma indumentária pesada, apropriada para a rusticidade do mundo rural e do trabalho manual, pois “O corpo do burguês citadino aglomerou em torno de si vários “envelopes”, todos eles indiciários de sua posição social e de seus gostos: roupas, calçados, tinturas, remédios e pomadas, além de máquinas e artefatos fabricados para sua comodidade (SANT’ANNA, 2013, p. 248). Em pesquisa anterior, realizada com a documentação epistolar, José Ribamar Maramaldo assim destaca Martiniano Medina:

[...] era um homem que respondia a característica do meio social do qual emergia. O trabalho é destacado nas correspondências, mas a vida social, a familiar e a religiosa indicavam a formação pretendida conforme os padrões desejados no contexto, isto é, uma formação europeia, caracterizada por seu comportamento e elegância, destoante dos significados atribuídos a uma população sem o refinamento e que qualificava seu status social (2015, p.27-28).

A pesquisa histórica possibilita compreender que as transformações dos modos de vestir são elementos dos novos códigos de conduta em São Paulo, influenciados pela movimentação de bens e pessoas. Presente em sua *carte-de-visite*, os vestígios da moda visíveis na fotografia estabelecem, assim, uma possibilidade micro-analítica sobre a atribuição dos significados do masculino, bem como as

relações que os homens estabelecem com as transformações da cidade de São Paulo na medida em que:

Toda a fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um quadro determinado da realidade [...] registrado fotograficamente. Se, por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado (KOSSOY, 1989, p. 29-31).

A análise da *carte-de-visite* de Naninho possibilita decodificar componentes da moda e do vestuário apresentados como indícios que, por sua vez, forjam um tipo diferente de homem, uma identidade masculina pautada em uma nova sensibilidade. Para Gisele Freund “Cada momento histórico presencia el nacimiento de unos particulares modos de expresión artística, que corresponden al carácter político, a las maneras de pensar y a los gustos de la época”⁴. De acordo com a autora, “El gusto no es una manifestación inexplicable de la naturaleza humana, sino que se forma en función de unas condiciones de vida muy definidas que caracterizan la estructura social en cada etapa de su evolución”⁵ (1976, p. 7).

A microanálise propõe uma reflexão historiográfica na redução da escala de análise e “preocupada com temas ligados às “representações [...]” (VAINFAS, 2002, p. 75) interpreta pequenas memórias negligenciadas, observa elementos sutis encontrados, no caso, os registros epistolares. Assim, as expressões socioculturais reveladas pelos detalhes da moda masculina reforçam a inter-relação macrossocial e coletiva. O conjunto vestual presente na imagem de Naninho considera que as características de sua estrutura plástica sustentam a construção de uma nova representatividade social, ou seja, a ascensão do estilo de vida Republicano remodela a figura do homem, que passa por uma reinvenção de sua aparência. O homem cidadão, desvela-se polido, marcado pela ascensão de novas classes, do poder econômico e da supervalorização do status intelectual. O estilo de vida do homem no período é marcado pelo novo vestuário simples, prático, leve.

⁴ “Cada momento histórico presencia o nascimento de uns particulares modos de pensar e aos gustos da época” [...] (FREUND, 1976, tradução nossa)

⁵ “O gosto não é uma manifestação inexplicável da natureza humana, sendo que se forma em função de umas condições muito definidas que caracterizam a estrutura social em cada etapa de sua evolução” (FREUND, 1976, tradução nossa).

A moda, ao revelar a simbologia do vestuário masculino usado por Martiniano Medina, suscita o reconhecimento das apropriações de uma elite em meio a construção da modernidade que transformou o cotidiano da cidade de São Paulo. A idealização e formação da paulistanidade são representadas na indumentária masculina, que simboliza valores sociais característicos dos processos vivenciados na cidade-laboratório, na cidade metrópole, lugar para onde convergiam diversificados empreendimentos, mobilizadores de uma rede institucional que caracteriza a moda como dispositivo de poder.

A roupa de Martiniano Medina: a moda como distintivo

A moda masculina representa o novo homem projetado pelos discursos da modernidade que minimalista transmite elegância e intelectualidade. O estilo de vida, o modo de vestir e portar-se remete para o desenvolvimento da indústria têxtil, da arquitetura, do urbanismo, da comunicação e a entrada no século XX marca esse desejo de modernidade. Logo, o vestuário e seus códigos de uso refletem as transformações vividas e construídas na cidade de São Paulo.

O termo moda tem sua origem no latim *modus*, que significa modo, maneira ou comportamento. Considerado um fenômeno que expressa valores de uma determinada sociedade revela (re)formulações estéticas, transformações sociais, culturais, políticas e econômicas. De acordo com Gilles Lipovetsky no fim da Idade Média "é possível reconhecer a ordem própria da moda, a moda como sistema, com suas metamorfoses incessantes, seus movimentos bruscos, suas extravagâncias" (2009, p. 24). A moda, diferente da cultura dos séculos passados, não se apega a tradição, mas as inovações ao se reinventar todo o tempo. Em sua forma mais conhecida é associada ao vestuário, mas o termo em si implica um sistema complexo, amplo e diverso, vale dizer, implica em "Estilos de roupas, acessórios, música, arte e outros elementos de determinada cultura que se tornam prevalentes em dado período (NEWMAN; SHARIFF, 2011).

No período histórico delimitado, a moda se apresenta como maneira de distinguir pessoas e lugares sociais que ocupavam. Como afirma Diane Crane, as roupas e os acessórios são artefatos que produzem significados por intermédio de "sua capacidade de impor identidades sociais e permitir que as pessoas afirmem

identidades sociais latentes” (2006, p. 22). A moda revela mudanças vertiginosas no século XX, como parte das mudanças dos novos tempos. Márcia Pinna Raspantí indica que no contexto a moda precisou tornar-se mais prática e barata para atender os trabalhadores e trabalhadoras e acrescenta:

Mesmo que, após o século XIX, a roupa masculina tenha trilhado o caminho da simplicidade, isto não significou abrir mão de uma série de artifícios usados para melhorar a aparência. Os modelos de beleza e virilidade variaram ao longo do tempo, mas a moda sempre foi – e continua a ser – um instrumento usado pelo homem para definir a sua posição perante os outros e perante si mesmo. (2013, p. 207)

Na imagem congelada de Martiniano Medina, o fragmento da fotografia revela que usava uma camisa branca de colarinho alto. Essa peça da vestimenta masculina tem sua origem no Egito Antigo, no uso das chamadas *Kalasisis*, que se constituía de uma peça única feita de tecidos elásticos com o corte para a passagem da cabeça que podia ter mangas ou não, essas poderiam ser curtas ou longas (KOHLENER, 1993). Durante a Idade Média, após diversas alterações, a mesma passou a ser usada como roupa íntima. No século XIX a peça continuou a ser usada como uma peça de baixo sobreposta pelo terno.

As golas altas, afirma James Laver, “eram um eco, podemos dizer, das golas com barbatanas dos trajes femininos” (1989, p. 222). Como a gola da roupa da Naninho, colarinhos engomados, altos, retos ao pescoço, são sinais dessa mudança que os homens passaram a expressar, cujo hábito redimensiona os sentidos do masculino e confere outro lugar de fala. Em consonância com as tendências da moda, o orientalismo das golas altas, usadas em conjunto com presilhas de pano que asseguram a elevação do colarinho (NEWMAN; SHARIFF, 2011) indicam que houve uma mudança fundamental nos modos de se vestir, nas roupas masculinas. Seus usos refletiam a vida social projetada para a cidade.

A gravata, que remonta os uniformes militares masculinos desde a antiguidade, incorporada pelos franceses ainda no século XVI - após o contato com os soldados croatas (SHITARA, 2009) - seguiu sendo um acessório indispensável do guarda-roupa masculino nos séculos XIX e XX. No contexto paulistano, a nova burguesia incorpora esse adereço como símbolo de sua profissionalização e ascensão social. O uso da gravata indicava tratar-se de um homem de negócios, com poder de

decisão, distinto dos demais, revelava posição social de destaque, de mando, direção. A alfaiataria masculina instaura o conjunto calça-paletó-camisa, composto por gravatas, coletes, casacos, como parte da indumentária dos homens de ciência.

O colete ou veste sem abas e sem mangas que vai até a cintura remonta às armaduras metálicas desenvolvidas no final do século XII. Projetado para realçar as partes separadas do corpo masculino, possibilita visualizar a forma completa do torso, dos braços e das pernas. Em conjunto com o paletó de cores escuras usado por cima do colete, simplifica o vestuário masculino “[...] tendendo a cristalizar-se num uniforme” (SOUZA, 1987, p. 64). Seus usos estão relacionados a esfera profissional de Naninho, como afirmação de sua posição social destacada. No período, os usos das gravatas mais finas, coletes e paletós simbolizavam não mais a necessidade das extravagâncias das roupas dos séculos passados, mas o poder e elegância intrínsecos do homem moderno. A roupa usada por Martiniano Medina em sua *carte-de-viste* torna-se sintomática se pensada nos sentidos atribuídos a cidade de São Paulo.

No final do século XIX “A emergência das grandes metrópoles [...] seus ritmos desconexos, sua escala extra-humana e seu tempo e espaço fragmentários, sua concentração de tensões, dissiparam as bases de uma cultura de referências estáveis e contínuas (SEVCENKO, 1992, p. 32). A República Velha (1889-1930) trouxe para a cidade de São Paulo um adensamento populacional sem precedentes no Brasil, composto por uma diversidade de encontros e movimentos que redimensionaram o mundo social, suas estruturas, transformando a cidade capital provinciana em um espaço com ares de um cosmopolitismo desejado.

O século XX chegou transformando tudo, inclusive a indumentária. A silhueta se simplificou e as roupas tornaram-se mais práticas. Os homens também abandonaram as calças e casacas escuras, passando a adotar tecidos mais leves e de cores claras (principalmente o linho); a cartola foi substituída pelo charmoso chapéu-panamá, de palha clara, enfeirado por uma fita preta. (RASPANTI, 2011, p. 220)

O desmonte das antigas bases de proteção e referência social implicou redimensionar o cotidiano dos cidadãos, homens e mulheres. A projeção do povo brasileiro enquanto identidade miscigenada, feita de índios e negros, em contraste com a burguesia oligárquica de São Paulo, que construía estradas de ferro, viadutos e importava a ideia de cidade baseada na cultura europeia, procura ressaltar uma

identidade regional e nacional distinta das demais regiões do Brasil “[...] a mais jovem amante da Belle Époque” (MOTA, 2005, p.76). São Paulo deveria ser o resultado dessa nova sensibilidade e essa construção derivaria a paulistanidade, deste modo, imprimia uma noção de superioridade paulista, paulistana (WEINSTEIN, 2007).

O cenário político conservador refletia os ideais de uma burguesia movida culturalmente pelo eurocentrismo. Importando teorias sanitaristas e higienistas, trabalhava para promover a eugenia como prática social e política pública. A divulgação de um imaginário social em que os negros constituem raças inferiores se intensifica na sociedade pós-abolição na medida em que suas existências conflitavam e com a construção de uma identidade nacional dita democrática “[...] assinalando um nítido recorte de discriminação social, como um estigma a mais a se acrescentar ao das gentes negras e mestiças, vinha reforçar a disposição de estranhamento intrínseca ao processo de metropolização (SEVCENKO, 1992, p. 30).

A eugenia, que em grego significa “bem-nascido”, remonta a teoria que buscou o melhoramento da espécie humana por meio das “[...] influências dos conceitos biológicos de seleção natural, aptidão, meio ambiente e da teoria evolucionista de Charles Darwin, transferindo-os do mundo natural e aplicando-os à sociedade humana (MOTA, 2017, p. 613). Sua aplicação propõe uma seleção social e racial com base na hereditariedade como critério para a construção de um homem ideal, branco, culto, intelectualizado. A roupa, ao mesmo tempo em que simbolizava as origens sociais das pessoas, permitiam os acessos, qualificavam homens e mulheres, legitimavam o pertencimento e representavam as classes sociais desejadas pelos controladores da ordem que forjou a cidade metrópole, cidade-laboratório (MARINHO, 2020)

Movimentos de repressão e ações de controle social, presentes especialmente nas narrativas médicas, se propagaram com maior força no campo político. Com a intenção de purificar a raça brasileira, pensadores tentam justificar a inferioridade do negro, ao mesmo tempo, buscam apagar sua participação na sociedade mais ampla. No imaginário da elite branca, o negro não gostava do trabalho, era preguiçoso, portanto, seria necessário incluí-los na sociedade por meio de estratégias disciplinadoras ou trocá-los por trabalhadores brancos europeus (AZEVEDO, 1987, p. 60). Essa distinção social atravessa a moda, os modos de se vestir, a padronagem dos

tecidos, os acessórios, o alinhamento das roupas, a modelagem dos cortes como credenciais que incluíam ou excluía as pessoas.

Um dos propagadores das políticas higienistas no Brasil foi o médico psiquiatra e professor da Universidade de São Paulo Antônio Carlos Pacheco e Silva. Suas proposituras compreendem a miscigenação como um processo de degeneração e empobrecimento da nação brasileira, diametralmente oposto ao progresso civilizatório como constituído pelos avanços industriais, econômicos e psicológicos. O objetivo era construir uma identidade nacional que ao mesmo tempo resolvesse o problema social ou “buscar no exterior o povo ideal para formar a futura nacionalidade brasileira” (AZEVEDO, 1987, p. 37). Esse imaginário social impacta poderosamente na moda como atestam os discursos:

O descuido do vestuário, a ausência de asseio corporal, o desalinho das roupas, a excentricidade revelada no trajar, as côres berrantes, os enfeites, os adornos, os distintivos, devem ser objeto da atenção do alienista. Tais elementos podem servir para esclarecimento dos distúrbios apresentados pelos doentes, mormente quando se tratar de psicopatas dissimuladores, que procuram ocultar os seus verdadeiros sentimentos e suas idéias mórbidas. (PACHECO E SILVA, 1940, p. 125)

Na intenção de higienizar a cidade de São Paulo, eliminar o problema racial e assim alcançar o “progresso” os reformadores buscavam modelos europeus para os costumes. A intenção por parte do estado e das classes dominantes com o processo imigratório e com a construção do discurso da “democracia racial” tinha como finalidade a construção de uma identidade nacional que destituísse o passado escravocrata do Brasil (WEINSTEIN, 2007, p. 281). Todas essas mudanças tecnológicas, sociais, urbanas levaram à construção de novas condutas que atravessam a moda masculina.

O destaque para as peças brancas na composição da roupa de Martiniano Medida explicita esse corolário científico em torno das dicotomias entre brancos e negros, entre higiene e origem social em São Paulo, pois a maneira de vestir indica a origem regional e de classe, com suas variações e influências. Com as novas tecnologias, as roupas-brancas estavam associadas aos novos hábitos de higiene e como em cidades como Paris, seus usos estão associados “às maneiras de habitar e viver das elites urbanas” (ROCHE, 2007, p. 172).

Essas condutas refletem a cidade e a origem da ideia de que São Paulo carrega o Brasil não só economicamente, mas que a cultura paulistana se apresenta superior as outras regiões do país. Pensada em sua complexidade, a moda masculina espelha a paulistanidade, sua distinção, sua posição de liderança, ainda que imaginada, como trata a historiografia recorrente (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011).

A moda masculina, que se configura como fenômeno da modernidade ligado as transformações urbanas, ilumina os significados simbólicos que a vestimenta imprime, possibilitando a aproximação entre os indivíduos e o contexto social que habitam, sua classe social, sua identidade e conseqüentemente, as relações de poder estabelecidas (SILVA, 2015). A influência do pensamento higienista, que interfere na representação da cidade de São Paulo, proporcionou a construção de novas masculinidades instauradoras de princípios segregadores, que buscavam construir a imagem da modernidade, qual seja, branca, culta e elegante. A moda usada por Martiniano Medina permite comprovar como “[...] as roupas da moda personificam os ideais e valores hegemônicos de um período determinado” (CRANE, 2006, p. 454). Assim, valores tocantes à masculinidade encontram nas vestimentas um meio de comunicação que expressa esse novo homem.

No processo histórico, o entendimento do conceito moda mudou, assim como a maneira que os sujeitos respondem aos seus usos (CRANE, 2006). Os estudos sobre a moda contemplavam, em sua maioria, uma visão eurocêntrica que colocava a moda como um feito do Ocidente, descaracterizando as demais culturas, suas influências e suas práticas sociais⁶. Mesmo utilizando conceitos de autores que fundaram essas noções, buscamos trabalhar em uma perspectiva que considera a moda como expressão social presente em todas as culturas, de formas diversas, e que interferem umas nas outras, assim, as novas opções de vestuário e de suas combinações permanecem expressando a complexidade das relações que estabelecemos com o Outro. Portanto, entendemos que a moda se torna nas sociedades contemporâneas uma forma de resistência, de combate a estereótipos, como sinal que comunica, constrói e desconstrói identidades individuais ou coletivas.

⁶ Para tanto ver Heloisa Helena de Oliveira Santos para a Revista ModaPalavra: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/15948>.

Conclusão

A vestimenta, tratada como documento que possibilita a análise de diferentes períodos históricos, constitui-se em linguagem, pois comunica por intermédio de suas combinações, crenças e mitos os valores de uma sociedade. A moda possibilita revelar a simbologia do vestuário e suscita o reconhecimento das apropriações de uma nova organização urbana, de uma busca de identidade em meio a construção da modernidade que transformou a vida e o cotidiano em São Paulo, que contribuiu para forjar uma noção de superioridade. Consideramos que a idealização e a formação da paulistanidade são representadas na indumentária masculina, que altera as masculinidades na cidade, pois simboliza valores sociais característicos de processos vivenciados pela cidade metrópole, cidade-laboratório.

A moda masculina evocada remonta um período de intensas modificações na vida das pessoas que viviam e trabalhavam em São Paulo e representa o homem projetado nos discursos da modernidade. A imagem de Martiniano Medina desvela ambientes de sociabilidade que redimensionaram a roupa dos homens cultos e intelectuais, profissionais graduados, homens de ciência. O estilo de vida, os modos de vestir-se e portar-se remetem às novas configurações da cidade e suas formalidades sempre enaltecidas, pois a entrada no século XX marca a modernidade, caracteriza a paulistanidade. O vestuário, a roupa e a moda revelados na *carte-de-visite* refletem não somente as transformações vividas, mas a emergência de uma nova masculinidade.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Máquina de fazer machos**: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In:_____. *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Maringá: Eduem, 2011. p. 37-47.

_____. **Nordestino: invenção do “falo”** – uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013, 2 ed, p. 27-82.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites — século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

AZEVEDO, Veruschka de Sales. 1ª República e belle époque: a modernização cultural na cidade de Franca. In: XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. 2010, Franca: **Anais do ANPUH/SP**, UNESP, 2010.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, 3 ed.

CARTAS PARA ESTHER. Núcleo de Documentação e Memória do Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento – CISGES/UNISA/CNPq. Disponível em: www.cisges.com.

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. São Paulo: SENAC, 2008, p. 11-38.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. Tradução Cristiana Coimbra. São Paulo: Senac, 2006.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica do cotidiano. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.) **Pensamento Feminista Brasileiro**. Formação e Contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 357-370.

FREUND, Gisele. **La fotografía como documento social**. Barcelona: Punto y Línea, 1976.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In:_____. **Mitos, Emblemas e Sinais**. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.143-180.

_____. A história em clouse-up. **Folha de S. Paulo. Mais!** 01 set. 2002. p. 4-8. Entrevista concedida a Jean Marcel Carvalho França. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0109200204.htm>. Acesso em: 14 set. 2020.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

KOHLER, Carl. **História do vestuário**. Tradução de Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 23-31, 2 ed.

LAVIER, James. **A roupa e a Moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 3 ed.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARAMALDO, José Ribamar Vieira. **História e Sentimento**: gênero e masculinidade nas cartas de Martiniano Medina (1908-1919). Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Santo Amaro, São Paulo. 2015.

MARINHO, Maria Gabriela Silva Martins da Cunha. São Paulo na Era Vargas: a cidade como lugar da modernidade. **História da Saúde em São Paulo**, 1., 2020. São Paulo: CISGES/UNISA, 2020.

MARTINS, A. L. Imagens da Cidade: Séculos XIX e XX. In:_____. **A invenção e/ou eleição dos símbolos urbanos**: história e memória da cidade paulista. São Paulo: ANPUH, Marco Zero, FAPESP, 1994, p. 177-190.

MOTA, André. A Paulicéia sob um Diagnóstico Sanitário. In: MOTA, André (Org.). **Tropeços da Medicina Bandeirante**: Medicina Paulista entre 1982-1920. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 75-124.

NEWMAN, A; SHARIFF, Z. **Dicionário ilustrado**: Moda de A a Z. Tradução de Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Publifolha, 2011, 1 ed.

PACHECO E SILVA, Antonio Carlos. **Psiquiatria Clínica e Forense**. São Paulo: Renascença, 1940.

PINSK, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSK, Carla B.; PEDRO, Maria Joana. **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 469-511.

PRIORI, Mary Del. **História do Amor no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

RASPANTI, Márcia Pinna. O que "eles" vestem: moda, vaidade e masculinidade no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (orgs.) **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, 2013. p. 185-212.

RASPANTI, Márcia Pinna. Vestindo o corpo: breve história da indumentária e da moda no Brasil, desde os primórdios da colonização ao final do Império. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (orgs.) **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, 2011. p. 185-212.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências**: uma história da indumentária (séculos XVII e XVIII). Tradução Assef Kfourri. São Paulo: SENAC, 2007, p. 161-190.

SALIBA, Elias Thomé. Cultura: as apostas na República. In:_____. **História do Brasil Nação: a abertura para o mundo 1889-1930**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 239-291, ed 1, vol 3.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. In:_____. **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2013. p. 245-266.

SANTOS, Heloisa Helena de Oliveira Santos. Uma análise teórico-política decolonial sobre o conceito de moda e seus usos. **Revista ModaPalavra**. Santa Catarina, v. 13, n. 28, mar. 2020, p. 164-190.

SCHNEID, Frantieska Huszar.; MICHELON, Francisca Ferreira. Vestuário e fotografia como fontes de pesquisa: uma abordagem interdisciplinar. **Projeto História**. São Paulo, v. 65, mai-ago. 2019, p. 168-202.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SHITARA, Mitsuko; SANCHEZ, Giovana. **Gravata surgiu para limpar suor e virou símbolo do poder masculino** (Consultoria de Informação). www.globo.com, São Paulo, 24 jan. 2009.

SILVA, Guilherme Telles da. **Beleza, elegância e roupas, os homens nos espaços da cidade** (Maringá na década de 1950). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Maringá, 2015.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**: a moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, 3 ed.

SOUZA CAMPOS, Paulo Fernando de.; MARAMALDO, José Ribamar Vieira. História e Sentimento: gênero e masculinidade nas cartas de Martiniano Medina. **Gênero**. Niterói, n.1, v. 17, set. 2016, p. 117-138.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas Anônimos da História**: micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. História, Região e Poder: a busca de interfaces metodológicas. **LOCUS, revista de história**, vol 3. n 1. p. 84-97. Disponível em www.ufjf.br/locus/files/2010/01/71.pdf. Acesso em 09 out. 2020.

WEINSTEIN, Barbara. Racializando as diferenças regionais: São Paulo X Brasil, 1932. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 13, n. 16, p. 281-303, out. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/133/177>. Acesso em 19 abr. 2020.

WEINSTEIN, Barbara. **The color of modernity**: São Paulo and the making of race and nation in Brazil. Durham and London: Duke University Press, 2015.

Recebido em: 18/11/2020

Aprovado em: 31/12/2020